ISSN: 2358-8829

POÉTICA DA FAVELA: A ESCREVIVÊNCIA DE CAROLINA MARIA DE JESUS COMO LITERATURA DE RESISTÊNCIA E DENÚNCIA

Anna Emanoella Farias de Carvalho Costa[1]
Marcelo Vieira da Nóbrega[2]

INTRODUÇÃO

A literatura brasileira, historicamente marcada pela predominância de perspectivas vinculadas aos grupos socialmente hegemônicos, tem sido progressivamente ampliada pela emergência de vozes que, durante muito tempo, permaneceram à margem do cânone literário. Nesse contexto, o artigo analisa as nuances em torno do livro *Quarto de despejo: diário de uma favelada* (2020), de Carolina Maria de Jesus, como forma de expor a riqueza da literatura não-canônica pela perspectiva da obra contemporânea de acontecimento real. Ao registrar em forma de diário o cotidiano vivido na favela do Canindé, em São Paulo, durante a década de 1950, Carolina configura sua narrativa como espaço de memória, resistência e denúncia, que se acentuam nas experiências de fome, pobreza, racismo, maternidade e exclusão social.

Esse cenário revela que a temática da obra abrange, por meio da literatura de testemunho, uma crítica social incisiva. Através de um relato autobiográfico e fidedigno, a autora evidencia as entranhas urbanas do Brasil na década de 1950, individualizando a favela como um espaço de segregação de classes marginalizadas e abandono estatal. Sob essa perspectiva, o texto estruturou-se sobre a interseccionalidade entre raça, gênero e classe, utilizando a fome como fio condutor para denunciar a invisibilidade de indivíduos que, embora sustentem o mecanismo urbano, são relegados dos direitos plenos de cidadãos. Todavia, essa distinção revela a invisibilidade delineada dos residentes

[1] Mestranda do Programa de pós-graduação do PPGLI – UEPB. Também possui graduação em Letras - Português pela Universidade Estadual da Paraíba (2014). Especialista em Estudos Linguísticos e literários pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) Campus VI (2019). E-mail: annaemanoellacarvalho28@gmail.com.
[2] Professor Doutor da Faculdade de Linguística, Letras e Artes (FALLA) da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Docente permanente dos Programas de Pós-Graduação PPGLI e PPGFP. E-mail: marcelonobrega@servidor.uepb.edu.br.

periféricos, os quais, apesar de se constituírem peças primordiais para a sustentação do mecanismo urbano, continuam destinados à certeza do descaso, não obstante o jorro de promessas e/ou ações forjadas por discursos milagreiros.

A publicação do livro advém em meados de 1960, em um contexto de profunda incoerência social brasileira. Os acontecimentos registrados na obra estão relacionados principalmente à realidade vivenciada por Carolina Maria de Jesus entre 1955 e 1960. Ao mesmo tempo em que o país vivia um período de progresso industrial, marcado pelo governo de Juscelino Kubitschek e pelo projeto desenvolvimentista de "50 anos em 5", além da construção de Brasília, a obra desponta a face oculta desse avanço: a urbanização desintegrada e o aumento das periferias. Nesse sentido, o contexto de falta de comida e o "quarto de despejo" são realidades aflitivas do acesso urbano brasileiro, e, portanto, o estudo procurou destacar como a literatura de resistência[3] transparece as disparidades modernas.

Além disso, a narrativa trazida pela Carolina expõe a vivência na favela (quarto de despejo), entre fome e destino previsto daqueles marginalizados, tornando o ato de escrever um ato político de sobrevivência. A partir disso, adotamos nesse estudo o conceito de Escrevivência defendido por Conceição Evaristo (2020), um termo que explicita a junção das palavras escrever e vivência; uma força motriz que não reside apenas na ideia de aglutinar, mas colocar em xeque a intrínseca relação entre a experiência étnica e a de gênero. A arquitetura da "Escrevivência" em Quarto de Despejo, analisando pela linguagem de Carolina Maria de Jesus, ultrapassa o registro documental para se compor como uma poética pertinente à resistência e denúncia contra a marginalização. A abordagem segue uma linha de raciocínio político-estética fundamentada no conceito de Evaristo (2020), compreendendo a escrita de Carolina Maria de Jesus como uma poética pertinente à resistência e à denúncia contra a marginalização. Conforme postula Evaristo (2020), essa escrita de autoria negra e feminina não se projeta para apaziguar as estruturas de poder herdadas do período colonial, mas sim para confrontar e desestabilizar as assimetrias sociais, transformando a memória coletiva em uma ferramenta ativa de

[3] Conforme Alfredo Bosi em ***Poesia Resistência*** (1976)**,** a literatura não é apenas um reflexo político, mas uma forma de resistência em sua própria estrutura linguística. O crítico argumenta que a linguagem literária suspende o discurso utilitário e alienante do cotidiano, agindo como um contra-discurso que reifica a humanidade e a liberdade do sujeito frente aos mecanismos de coisificação e opressão da ideologia dominante.

contestação política. Essa perspectiva permite compreender a experiência relatada pela mulher negra, catadora de papel, mãe solo[4] e favelada.

Para o cenário contemporâneo, a pesquisa é crucial, pois desponta a conservação das conjunturas de exclusão que a autora delatou nos anos 50. Seguir essa linha de pensamento a partir de determinados temas, a exemplo, o racismo estrutural e a marginalização territorial, possibilitaram interpretar de que forma esses aspectos ainda calam os corpos negros, fazendo o grito de Carolina ecoar como nota de repúdio urgente para ser posta em discussão pública e social.

Por conseguinte, esta pesquisa explica-se pelo esforço de outorgar à Carolina Maria de Jesus o prestígio de uma escrita de si[5]. Com isso, estima-se que seja possível ratificar a relevância dessa narrativa para a renovação da historiografia literária, visto que a escrita de resistência atua, essencialmente, como ferramenta de libertação humana. Logo, esta pesquisa não se limita à análise isolada de um texto literário, mas busca autenticar um saber que nasce da margem e reivindica o centro do pensamento crítico brasileiro.

Diante desse cenário, o objetivo geral deste artigo é compreender a obra Quarto de Despejo: diário de uma favelada, de Carolina Maria de Jesus, como uma poética de resistência, analisando como sua escrita, à luz do conceito de Escrevivência, conecta memória e denúncia social para redefinir os limites do cânone literário brasileiro. Para alcançar esse propósito, o trabalho propõe-se, inicialmente, a situar a obra no panorama histórico e social dos anos 1950, destacando a favela como espaço de exclusão, mas que é local, também, de fruto literário. Em seguida, busca-se estabelecer uma articulação teórica entre a prática de escrita de Carolina e os pressupostos de Conceição Evaristo, enfatizando o vínculo entre a vivência individual e a memória coletiva. Na sequência, o estudo identifica os recursos linguísticos e narrativos que a caracterizam como poética, observando como o cotidiano da fome é transmutado em denúncia política. Por fim, avalia-se o impacto e a atualidade da crítica de Carolina Maria de Jesus, discutindo sua

[4] O conceito de maternidade solo em contextos periféricos é compreendido pelas teóricas do feminismo negro como um lugar político marcado pela intersecção de raça, classe e gênero. Dialogando com a *escrevivência* de Conceição Evaristo (2020), essa condição na obra de Carolina Maria de Jesus deixa de ser um mero dado biográfico e se torna o motor da própria escrita: a urgência de garantir a sobrevivência dos filhos sozinha diante da omissão do Estado é o que impulsiona a sua literatura de denúncia.

[5] Escrita de si**,** formulado por Michel Foucault (1992), refere-se às práticas discursivas em que o sujeito narra a própria existência não como mero registro factual, mas como um exercício ético de constituição da subjetividade e de resistência política.

contribuição para a reestruturação da historiografia literária e para o questionamento das relações de poder que regem o fazer cultural.

Para sustentar a análise da poética de relato como um exercício de resistência e denúncia, este trabalho se ancora no conceito de Escrevivência, formulado por Conceição Evaristo (2020), compreendendo a escrita de Carolina Maria de Jesus não apenas como registro biográfico, mas como uma apólice de um grupo de vozes marginalizadas. A obra *Quarto de Despejo* é lida como um espaço de memória coletiva, conforme as conjecturas de Maurice Halbwachs (2006), em que a favela deixa de ser objeto de estudo para tornar-se sujeito da própria narrativa. Unem-se a este aporte as reflexões de Antonio Candido (1995) sobre o direito humano à literatura e de Regina Dalcastagnè (2012) acerca da representação social, permitindo investigar como a autora subverte o cânone clássico ao transformar a exclusão social em uma possante ferramenta de denúncia política. Complementarmente, arquitetamos a base teórica fundamentada nos pressupostos de Djamila Ribeiro (2017); Ribeiro (2018) bell hooks (2019) e Lélia Gonzalez (1984) para analisar as intersecções de raça, classe e gênero vividas por Carolina.

Em suma, esta pesquisa compreende *Quarto de Despejo* como um documento vivo de resistência e denúncia política que reverbera na memória coletiva contemporânea. A partir da pesquisa bibliográfica e da análise de conteúdo de cunho social, buscou-se demonstrar como Carolina Maria de Jesus transforma a vivência marginalizada em espaço de enunciação e resistência. As intersecções de raça, classe e gênero presentes na obra evidenciam desigualdades que permanecem relevantes para compreender a realidade brasileira atual. Desse modo, compreende-se, que a obra se consolida como instrumento de emancipação e de reivindicação do direito humano à literatura.

METODOLOGIA

Para atingir os objetivos traçados, este estudo se encaminhou pela pesquisa bibliográfica de abordagem qualitativa, focada na articulação entre a teoria literária e a crítica social. O corpus de análise é constituído pela obra Quarto de Despejo: diário de uma favelada, de Carolina Maria de Jesus, publicada na década de 60. A escolha desse material justifica-se pelo seu valor histórico e documental, servindo de base para investigar os fenômenos da exclusão urbana, da fome e do racismo estrutural.

ISSN: 2358-8829

O percurso metodológico organizou-se a partir da leitura analítica da obra e do levantamento do suporte teórico-crítico que compõe a pesquisa. A análise do diário foi conduzida sob o método de análise de conteúdo, cruzando as passagens do livro com as ferramentas conceituais estabelecidas no referencial teórico. Na prática, as categorias de análise articularam-se de forma complementar. O conceito de Escrevivência (Evaristo) e a Memória Coletiva (Halbwachs) subsidiaram a compreensão de como o relato individual se tornou um arquivo coletivo de resistência e denúncia. Em paralelo, os marcadores de raça, classe e gênero foram mapeados a partir da perspectiva crítica de bell hooks, Gonzalez e Ribeiro, articulando-se às discussões de Candido e Dalcastagnè sobre o cânone e a representação social. Por se configurar como uma pesquisa bibliográfica e de análise documental, baseada em fontes bibliográficas públicas e sem participação direta de seres humanos, o estudo não envolveu procedimentos de pesquisa com participantes.

REFERENCIAL TEÓRICO

A discussão em torno das narrativas gestadas às margens da sociedade brasileira demonstra que esses relatos não se restringem a meros registros documentais, mas configuram-se como ferramentas políticas de denúncia e de preservação da humanidade. No caso de Carolina Maria de Jesus, a escrita que emerge da precariedade rompe com o silenciamento historicamente imposto aos sujeitos negros e periféricos. Ao transformar a fome e a rotina da favela em matéria literária, a autora assume o papel de sujeito da própria história, exigindo uma abordagem crítica que compreenda a palavra escrita como instrumento de combate à invisibilidade.

A conexão entre o conceito de “Escrevivência”, formulado por Conceição Evaristo, e a obra Quarto de Despejo estabelece o ponto de partida para uma leitura focada na justiça social. O conceito permite compreender a escrita a partir da relação entre experiência, vivência e produção literária, considerando as marcas sociais e históricas que atravessam o corpo que escreve. Nesse sentido, a Escrevivência possibilita compreender a literatura como espaço de construção da própria narrativa e de enfrentamento das experiências de exclusão. Evaristo (2020) sistematiza essa perspectiva ao evidenciar a relação entre escrita e vivência, sobretudo a partir das experiências de sujeitos historicamente marginalizados.

ISSN: 2358-8829

Inserir a escrita de Carolina Maria de Jesus no campo da crítica literária é um convite para tensionar e pluralizar o cânone tradicional, historicamente marcado por critérios excludentes na academia. A inclusão de estéticas periféricas e de diferentes formas de produção literária amplia o debate cultural ao trazer para o centro novas subjetividades. Essa discussão dialoga diretamente com as reflexões de Antonio Candido (1995) sobre a natureza essencial da literatura como um direito humano, indispensável para a humanização e para a capacidade de fabulação de qualquer indivíduo, mesmo sob condições extremas de sobrevivência:

> [...] Todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos folclore, lenda, chiste, até as formas mais complexas e estruturadas da criação escrita das civilizações cultas. [...] Ora, se ninguém pode passar vinte e quatro horas sem mergulhar no universo da ficção e da poesia, [...] a literatura aparece claramente como manifestação universal de todos os homens em todos os tempos. Não há povo e não há homem que possa viver sem ela, isto é, sem a possibilidade de entrar em contacto com alguma espécie de fabulação. (Candido, 1995, p. 174-176).

Essa necessidade de ampliar os espaços de representação literária também é discutida por Regina Dalcastagnè (2012), ao destacar a importância de reconhecer as vozes de grupos historicamente marginalizados no campo literário:

> A representação de grupos sociais subalternizados na literatura brasileira não é apenas uma questão de estética, mas de justiça social. Quando o campo literário é dominado por uma elite que escreve sobre o 'outro' sem conhecê-lo, cria-se um monólogo que apaga a diversidade da experiência humana. A entrada de vozes que falam a partir de suas próprias vivências de exclusão tensiona as fronteiras do que é considerado 'literatura' e obriga o leitor a confrontar perspectivas que o sistema editorial e acadêmico buscou, por muito tempo, invisibilizar. (Dalcastagnè, 2012, p. 152).

Para contextualizar a produção de Quarto de Despejo, também é necessário considerar as instabilidades políticas e econômicas que atravessaram o Brasil década de 1950. O diário de Carolina Maria de Jesus ganha forma sob o governo de Juscelino Kubitschek, momento em que o país vivia os impactos do Plano de Metas e de uma acelerada transição estrutural. Esse contexto histórico permite assimilar as contradições existentes entre o projeto de desenvolvimento nacional e as condições de vida das populações periféricas.

Essa discussão também se articula às proposições de Maurice Halbwachs (2006) sobre a memória coletiva, compreendida como uma reconstrução social do passado vinculada às experiências e às referências compartilhadas por determinado grupo. A

ISSN: 2358-8829

memória, nessa perspectiva, permanece relacionada ao presente, uma vez que conserva aquilo que continua vivo ou capaz de adquirir sentido para o grupo que a mantém:

> A memória não faz corte ou ruptura entre passado e presente porque retém do passado somente aquilo que ainda está vivo ou capaz de viver na consciência do grupo que a mantém. Por definição, ela não ultrapassa os limites deste grupo. (Halbwachs, 2006, p. 102).

A perspectiva da memória coletiva permite, portanto, compreender como relatos individuais podem preservar experiências sociais e históricas de determinados grupos, especialmente daqueles que tiveram suas narrativas historicamente silenciadas.

No campo das relações sociais, os marcadores de raça, classe e gênero constituem outro eixo fundamental para a análise. Os pressupostos de Lélia Gonzalez (1984) ajudam a entender como o racismo e o sexismo estruturam as vivências das mulheres negras no Brasil. A autora reforça que essas experiências não podem ser vistas de forma isolada, mas sim a partir do cruzamento entre diferentes formas de opressão.

Essa discussão aproxima-se também das contribuições de bell hooks (2019), especialmente acerca da voz, do silêncio, da margem e da passagem da condição de objeto para a de sujeito. Para a autora, erguer a voz constitui uma forma de resistência e de afirmação da própria dignidade. As reflexões de Djamila Ribeiro (2017) sobre lugar de fala também contribuem para compreender a importância de reconhecer os sujeitos a partir dos lugares sociais que ocupam e das experiências que atravessam suas formas de produzir conhecimento e interpretar a realidade. Ribeiro (2018), por sua vez, amplia essa discussão ao defender a necessidade de reconhecer as produções intelectuais de mulheres negras e de considerar outras possibilidades de existência e de compreensão do mundo.

Em conjunto, essas perspectivas teóricas permitem compreender a literatura como espaço de representação, memória, resistência e produção de conhecimento, oferecendo os fundamentos necessários para analisar a escrita de Carolina Maria de Jesus a partir das relações entre vivência, linguagem, exclusão social e protagonismo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados apontam que a obra Quarto de Despejo: diário de uma favelada apresentam aspectos relacionados à fome, à memória, à exclusão social, à linguagem, à representação e às relações de raça, gênero e classe. Esses elementos aparecem

articulados ao longo do diário e demonstram como o relato individual de Carolina Maria de Jesus transforma experiências cotidianas em memória, denúncia e resistência.

Os dados extraídos do diário revelam a presença recorrente da fome, da escassez e das dificuldades de acesso aos alimentos na experiência narrada por Carolina Maria de Jesus. Ao registrar os preços dos alimentos e a necessidade de buscar sobras no lixo, a autora transforma situações cotidianas de sobrevivência em registros de uma realidade social mais ampla. Dessa maneira, Carolina reconstrói a história a partir de sua própria experiência e dá visibilidade a sujeitos que permaneciam à margem das narrativas oficiais. Essa dimensão pode ser compreendida a partir das proposições de Maurice Halbwachs (2006) sobre a memória coletiva. Os registros presentes no diário não permanecem restritos à experiência individual da autora, pois preservam situações compartilhadas por outros moradores da Favela do Canindé. A fome, a escassez e a dificuldade de acesso aos alimentos passam, assim, a constituir elementos de uma memória social marcada pela exclusão.

Essa relação entre experiência individual e memória coletiva pode ser observada quando Carolina registra: “Eu ontem comi aquele macarrão do lixo com receio de morrer, porque em 1953 eu vendia ferro lá no Zinho” (Jesus, 2020, p. 43). O trecho articula diferentes momentos de sua trajetória e demonstra como a escrita recupera experiências anteriores para dar sentido à realidade vivenciada no presente. Nesse sentido, o diário ultrapassa o registro momentâneo da fome e preserva uma memória construída a partir das experiências de uma população periférica. A mesma dimensão aparece quando a autora registra a experiência de ter o que comer: “Comecei sorrir como se estivesse presenciado um lindo espetáculo. E haverá espetáculo mais lindo do que ter o que comer? Parece que eu estava comendo pela primeira vez na minha vida” (Jesus, 2020, p. 47). A passagem evidencia que o acesso à alimentação, considerado um direito básico, aparece na narrativa como uma experiência excepcional. Em diálogo com Candido (1995), o trecho permite compreender a literatura como espaço de humanização e de expressão da experiência, mesmo diante das condições extremas de sobrevivência.

O contexto histórico também contribui para a compreensão desses registros. O diário foi produzido principalmente entre 1955 e 1960, período que atravessa o governo de Juscelino Kubitschek e seu projeto desenvolvimentista. Enquanto o discurso oficial valorizava a modernização e o crescimento econômico, a escrita de Carolina registrava, a partir da Favela do Canindé, outra dimensão da realidade brasileira. A obra evidencia,

portanto, uma contradição entre o projeto de modernização nacional e a experiência cotidiana de uma população que enfrentava a fome e a precariedade. Dessa forma, a memória registrada por Carolina não se esgota como documento do passado. Os registros sobre a fome, os alimentos e as condições de vida preservam experiências sociais que continuam relevantes para a compreensão das desigualdades urbanas e alimentares.

Além da dimensão da fome e da memória, a análise identificou uma construção estética que transforma a experiência cotidiana em matéria literária. O uso de metáforas espaciais e corporais transforma a dor em denúncia. Ao denominar a favela como "quarto de despejo" e estabelecer uma oposição com a "sala de visitas", Carolina constrói uma representação crítica da divisão social e espacial da cidade. A metáfora do "quarto de despejo" ultrapassa a simples descrição do espaço em que a autora vive. Ela representa um lugar destinado àquilo que a sociedade deseja afastar de sua vista. A oposição com a "sala de visitas" evidencia, assim, a existência de diferentes espaços sociais dentro da mesma cidade. Nesse sentido, a análise dialoga com Dalcastagnè (2012), especialmente com a discussão sobre representação e sobre a necessidade de ampliar as vozes presentes no campo literário.

Outro recurso marcante identificado na análise é a personificação da fome. Ao utilizar a expressão "fome amarela", Carolina transforma a escassez em uma presença que interfere diretamente no corpo e no cotidiano. A fome deixa de aparecer apenas como dado material e passa a ocupar espaço na própria construção estética da narrativa. Ao transformar a experiência da escassez em linguagem, Carolina também evidencia a capacidade de fabulação discutida por Candido (1995). A escrita não elimina a realidade da fome, mas permite que essa experiência seja reelaborada e transformada em denúncia. A palavra passa, assim, a constituir um espaço de expressão diante de uma realidade marcada pela precariedade.

A análise desses recursos linguísticos permite compreender que Quarto de Despejo não se restringe a um relato de sofrimento. A autora constrói imagens, metáforas e formas de expressão capazes de transformar a experiência vivida em produção literária. Nesse sentido, sua escrita tensiona os limites do cânone e contribui para ampliar as possibilidades de representação da literatura brasileira.

Os resultados também evidenciam a presença articulada de diferentes condições sociais na experiência narrada por Carolina. Sua vulnerabilidade não se apresenta de forma isolada, mas está relacionada às condições de mulher, negra, mãe, trabalhadora e

moradora de uma favela. A articulação dessas dimensões permite dialogar com as reflexões de Lélia Gonzalez (1984) sobre as experiências da mulher negra diante das estruturas de racismo, sexismo e desigualdade social.

Entretanto, a margem apresentada na obra não aparece somente como espaço de exclusão. O diário revela também a escrita como possibilidade de resistência e de construção de protagonismo. Ao afirmar: "Não tenho força física, mas as minhas palavras ferem mais do que espada. E as feridas são incicatrisaveis" (Jesus, 2020, p. 51), Carolina atribui à palavra uma força capaz de enfrentar as condições que atravessam sua existência. Essa dimensão da escrita pode ser relacionada às reflexões de bell hooks (2019) sobre o ato de erguer a voz e a passagem da condição de objeto para a de sujeito.

No diário, essa transformação aparece de maneira direta quando Carolina afirma: "Quando fico nervosa não gosto de discutir. Prefiro escrever. Todos os dias eu escrevo. Sento no quintal e escrevo" (Jesus, 2020, p. 28). A escrita cotidiana aparece, portanto, como uma estratégia de expressão e de enfrentamento dos conflitos vivenciados. A relação entre voz e protagonismo também pode ser compreendida a partir das reflexões de Djamila Ribeiro (2017) sobre lugar de fala. Ao narrar sua própria experiência, Carolina ocupa um lugar de enunciação a partir do qual interpreta a realidade que vivencia. Sua escrita permite que a favela, a fome e as experiências de uma mulher negra sejam apresentadas pela perspectiva de quem vivencia essas condições, e não apenas pelo olhar externo de outros sujeitos.

Nesse sentido, a experiência de Carolina aproxima-se da perspectiva da Escrevivência de Conceição Evaristo (2020), pois a vivência individual torna-se matéria de escrita e, ao mesmo tempo, alcança uma dimensão coletiva. A autora não escreve apenas sobre si: ao registrar seu cotidiano, produz uma narrativa que permite reconhecer outras experiências atravessadas pela pobreza, pelo racismo, pela desigualdade e pelo silenciamento.

Os resultados da análise demonstram, portanto, que a escrita de Carolina articula experiência, memória, linguagem e resistência. A fome aparece como experiência concreta e como elemento de denúncia; os recursos linguísticos transformam a realidade em matéria poética; e a escrita constitui um espaço de voz e protagonismo. Dessa forma, Quarto de Despejo pode ser compreendido como uma produção literária que transforma a vivência marginalizada em espaço de enunciação, memória e resistência.

ISSN: 2358-8829

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise desenvolvida neste estudo evidencia que Quarto de Despejo: diário de uma favelada ultrapassa as fronteiras de um documento histórico da década de 1960. A obra apresenta uma escrita marcada pela resistência e pela denúncia, cuja atualidade reside na capacidade de fazer ecoar, no Brasil contemporâneo, experiências relacionadas à fome, ao racismo e à segregação urbana. Ao transformar a vivência marginalizada em matéria literária, Carolina Maria de Jesus constrói uma narrativa que amplia os espaços de representação e dá visibilidade a sujeitos historicamente silenciados.

Diante disso, este trabalho evidencia que a obra caroliana permite compreender a literatura como espaço de memória, voz e produção de conhecimento. A análise dos registros sobre a fome e a exclusão social, dos recursos linguísticos empregados pela autora e das relações entre raça, gênero e classe demonstrou como a experiência individual de Carolina alcança uma dimensão coletiva. Nesse sentido, a escrita de Carolina aproxima-se da perspectiva da Escrevivência, ao transformar vivências marcadas pela desigualdade em matéria de escrita e de representação.

Conclui-se, portanto, que Quarto de Despejo permanece como uma obra relevante para a compreensão das relações entre literatura, memória, desigualdade social e representação. A análise de sua escrita no âmbito acadêmico contribui para ampliar o reconhecimento de outras vozes e experiências na literatura brasileira, reafirmando a literatura como espaço de expressão, humanização e construção de diferentes formas de compreender a realidade.

Palavras-chave: Carolina Maria de Jesus; Quarto de Despejo; Escrevivência; Memória coletiva; Literatura marginal.

ISSN: 2358-8829

REFERÊNCIAS

BOSI, Alfredo. Poesia-resistência. In: BOSI, Alfredo. **O ser e o tempo da poesia**. São Paulo: Cultrix, 1977.

DALCASTAGNÈ, Regina**. Literatura brasileira contemporânea: um território contestado.** Rio de Janeiro: Editora Horizonte; São Paulo: Casa da Palavra, 2012.

EVARISTO, Conceição. **Escrevivência: a escrita de nós**. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabela Rosado; LOPES, Goya (Org.). Escrevivência - a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: FOUCAULT, Michel. **O que é um autor?** Lisboa: Passagens, 1992. p. 129-160.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. In: **Revista Ciências Sociais Hoje**, ANPOCS, p. 223-244, 1984.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Laís Teles Benoir. São Paulo: Centauro, 2006. (Coleção Memória e Sociedade).

HOOKS, bell. **Erguei a voz**: dizer de novo, pensar de novo. Tradução de Cátia Bocaiuva Maringolo. São Paulo: Elefante, 2019.

HOOKS, bell. **Teoria Feminista**: da margem ao centro. Tradução de Rainer Patriota. São Paulo: Perspectiva, 2019.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. 1. ed. São Paulo: Ática, 2020.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte (MG): Letramento / Justificativa, 2017. (Coleção Feminismos Plurais).

RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro?** São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

RODRIGUES, Maria Fernanda. Conceição Evaristo: 'Carolina Maria de Jesus ainda tinha muito a dizer, e precisava dizer'. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 5 ago. 2021. Disponível em: estadao.com.br. Acesso em: 08 abril. 2026.